

UM PRÍNCIPE REAL EM TRÂNSITO: A VIAGEM DE D. LUÍS FILIPE PELO MEDITERRÂNEO (1903)

Tiago Canhota¹ | Olegário Nelson Azevedo Pereira² | Maria Rosário Bastos³

¹ Universidade Aberta, Portugal, canhotatiago@gmail.com

² MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade NOVA de Lisboa, 2829-516 Caparica, Portugal, olegario.pereira@hotmail.com

³ Universidade Aberta, Delegação do Porto, Rua do Ameal, 752, 4200-055 Porto, Portugal & CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal, Maria.Bastos@uab.pt

RESUMO: A realização de uma viagem com uma finalidade eminentemente cultural e educacional, designada por *Grand Tour*, surgiu na Grã-Bretanha no século XVII. De modo a maximizar a experiência, os jovens eram guiados por um mestre que os introduzia na cultura do território visitado, percorrendo alguns roteiros previamente estabelecidos que foram aumentando ao longo do tempo, na busca de verem e contactarem com realidades diferentes. Em Portugal, o casamento da rainha D. Maria II com o futuro rei D. Fernando II permitirá uma mudança cultural e educacional na família real que se prolongará nas gerações futuras, nomeadamente nos filhos (Pedro e Luís), no neto (Carlos) e nos bisnetos (Luís Filipe e Manuel), que usufruíram destas viagens por várias partes da Europa. O presente trabalho incide, assim, no *Grand Tour* realizado, em 1903, pela rainha D. Amélia e pelos príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel. A viagem incluiu várias partes do mar Mediterrâneo, tendo como pontos altos as estadias no Egito e no Sul da Itália. Inicialmente preparada apenas para a rainha, com a finalidade de a abstrair da esgotante realidade institucional, a viagem será, no entanto, alterada, passando a incluir alguns amigos mais próximos e os filhos. O principal objetivo do presente trabalho é acompanhar o roteiro do *Grand Tour* de D. Luís Filipe, destacando os principais pontos de paragem e respetivos programas a eles subjacentes, bem como relevar o mar enquanto “estrada do conhecimento” e, no caso concreto, uma preparação para o exercício do poder real (componente cultural e diplomática).

Palavras-chave: *Grand Tour*; mar; D. Amélia; família real portuguesa.

A ROYAL PRINCE IN TRANSIT: THE JOURNEY OF D. LUÍS FILIPE THROUGH THE MEDITERRANEAN (1903)

ABSTRACT: The *Grand Tour* was a trip with an eminently cultural and educational purpose that began in Great Britain in the 17th century. It was to maximize the experience that young people, guided by a master, were introduced to the culture of the visited territory. Previously established itineraries, which have increased over time, were followed in this quest to see, and contact with different realities. The marriage of Queen Maria II to the future King Fernando II allowed a cultural and educational change in the Portuguese royal family. This change extended to the future generations, including their sons (Pedro and Luís), the grandson (Carlos), and the great-grandchildren (Luís Filipe and Manuel), who enjoyed these trips to various parts of Europe. The present work thus focuses on the *Grand Tour* held in 1903 by Queen D. Amélia and the princes D. Luís Filipe and D. Manuel. The trip included several parts of the Mediterranean Sea, having as highpoints the stays in Egypt and Southern Italy. The trip was initially prepared for the queen to get away from the exhausting institutional reality. However, it included later some close friends and the children. The main goal of the present work is to follow the itinerary of the *Grand Tour* of D. Luís Filipe, focusing on the main visited places and respective activities, as well as highlighting the sea as a “road to knowledge” and, in this case, a preparation for the exercise of royal power (through its cultural and diplomatic component).

Keywords: *Grand Tour*; sea; D. Amélia; Portuguese royal family.

INTRODUÇÃO

Quando em 1903, a rainha D. Amélia e os príncipes zarparam de Lisboa com destino ao Mediterrâneo, já fazia mais de um século que se havia iniciado a epopeia das grandes viagens lúdicas e culturais por essa Europa fora. Entre os fatores que explicam este

fenómeno, contam-se, o desenvolvimento dos transportes e o estudo e divulgação das ruínas greco-romanas (especialmente as de Pompeia), que a partir de meados do século XVIII, atraíam a aristocracia, num primeiro momento sobretudo inglesa, depois de outras nacionalidades. O *Grand Tour* tornar-se-ia parte integrante da formação intelectual dos jovens aristocratas, em

busca das raízes da civilização ocidental, e haveria de ser o gérmen para o lançamento do Romantismo. Para além de destinos culturais, como a França ou a Itália, dos naturais, como os Alpes ou a Holanda, ou dos pitorescos, como a Península Ibérica, era privilegiado o contacto com os territórios/civilizações dos mundos antigo – Babilónia, Assíria, Egipto ou Palestina – e/ou clássico – Grécia, Roma, Magna Grécia, Creta ou Ásia Menor (KINSEY, 1987, pp. 17-18; 33; SALGUEIRO, 2002, pp. 290-983, 300-301).

Este trabalho apoiou-se *grosso modo* em duas fontes primárias: a primeira, de António Aloísio Jervis de Atouguia Ferreira Pinto Basto (1879-1946) comandante do iate “Amélia”, volume 4 do livro “Viagens: 1902-1905”, é uma descrição pormenorizada de praticamente toda a viagem, dos locais visitados e das pessoas com quem privaram; a segunda, um álbum organizado por D. Amélia (ORLEÃES, 1903) é essencialmente visual, composta por fotografias de autores diversos acompanhadas por uma breve descrição, constituindo, em certa medida, um complemento do trabalho antes mencionado. Para além destas duas fontes, a viagem é referida por RIBEIRO (2013) e surge, em “breves pinceladas”, em CORPECHOT (1915), BREYNER (2005), LEME *et al.* (2016) e na revista OCIDENTE (1903).

São objetivos principais deste estudo, conhecer e comparar o circuito turístico, dos últimos reis e príncipes portugueses (D. Pedro, D. Luís, D. Carlos e D. Luís Filipe); abordar o impacto da viagem para a educação cultural do príncipe D. Luís Filipe; assim como relevar a importância do mar nas vertentes familiar, cultural e diplomática de Portugal nos alvares do século XX.

A FAMÍLIA REAL E O *GRAND TOUR*: OS CASOS DE D. LUÍS E DE D. CARLOS

As alterações, ocorridas nos territórios nacionais, entre a segunda metade de *Setecentos* e a primeira metade de *Oitocentos*, como sejam as Invasões francesas, a “fuga da família real”, a independência do Brasil, o protetorado Britânico, a guerra civil e os vários levantamentos que lhe seguiram, aliadas a uma quase sempre incipiente preparação intelectual régia e cortesã, permitiram facilmente perceber que o conceito de *Grand Tour* não figurava no topo das preocupações nem da família real nem da corte. Em

boa verdade, só foi introduzido entre nós com a vinda de Fernando de Saxe Coburgo Gotha, segundo marido da rainha D. Maria II.

Impregnado do espírito romântico que pululava nos estados alemães e apetrechado de uma grande bagagem cultural (linguística, botânica, canto, literatura, artes, etc.) em resultado de uma sólida preparação intelectual, D. Fernando haveria de mimetizar e colocar em prática o seu programa educacional nas futuras gerações reais do qual beneficiaram sobretudo os seus dois primeiros filhos (LOPES, 2018, p. 12).

O intenso e extenso currículo pedagógico dos príncipes D. Pedro e D. Luís, foi enriquecido com a concretização de viagens instrutórias. Os seus objetivos passavam pelo reforço dos laços familiares, pelo reconhecimento internacional da dinastia e do regime, numa espécie de debute social, pela aquisição de conhecimentos dos avanços tecnológicos e burocráticos e a forma de os aplicar no desenvolvimento do reino, aos quais se juntaram, como não podia deixar de ser, o contacto com as Belas Artes estrangeiras. Assim, foram organizadas duas viagens pelo continente europeu: a primeira decorreu entre maio e setembro de 1854, visitando a Alemanha, a Bélgica, a França, a Holanda e a Inglaterra; a segunda, deu-se entre os meses de maio e agosto de 1855, percorrendo a Alemanha, a Bélgica, a França, a Inglaterra, a Itália e a Suíça (SILVEIRA & FERNANDES, 2006, pp. 21-25; LOPES, 2018, pp. 15-16).

Reproduzindo o modelo escolar herdado do pai, o porvir monarca D. Carlos efetuou, também ele, o seu *Grand Tour* pela Europa. Entre julho e dezembro de 1883 viajou acompanhado dos mestres Martens Ferrão e António Augusto de Aguiar, pela Alemanha, a França, a Inglaterra e a Itália onde visitou as ruínas de Pompeia (RAMOS, 2006, p. 40; LOPES, 2018, p. 18).

Os efeitos da política educacional de D. Fernando, prolongar-se-iam no tempo, sendo ainda aplicada aos filhos de D. Carlos: os príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel, como se verá.

PORTUGAL E O MAR

A estabilização do regime liberal, criou condições, embora parcas e bastante localizadas, para o aparecimento de uma industrialização que se fez sentir a partir da segunda metade do século XIX e

que abrangeu vários domínios. No campo social, assistiu-se ao crescimento de uma abastada burguesia com rituais e práticas próprias e ao aparecimento de uma classe média cidadina e burocrática que tentou replicar os comportamentos das classes mais altas; no campo dos transportes, a aplicação do motor a vapor ao comboio e aos navios, levou a uma alteração não apenas da perceção do conceito de viagem, mas também do modo e da maneira de a mesma se realizar; as inovações na mitigação dos acidentes marítimos, através dos meios de salvamento, a construção de raiz ou a reformulação dos serviços portuários e de farolagem (CANHOTA *et al.*, 2021, pp. 250-253), as novas derrotas oceânicas, contribuíram também para este movimento populacional em busca de novos destinos. Estes fatores, levaram à criação de condições para as práticas salutaras e de vilegiatura, assistindo-se ao florescimento de localidades umbilicalmente ligadas ao mar, para além do pretérito cordão piscatório: Póvoa do Varzim, Espinho, Figueira da Foz, ou Cascais, são disso exemplos (BRAGANÇA, 1988, p. XXV; CORBIN, 1989, pp. 266-268; RAMOS, 2009, pp. 33-3; SARDICA, 2012, p. 347; ORTIGÃO, 2013, pp. 50, 79, 89, 105, 115-123).

As condições trágicas que proporcionaram a subida ao trono de D. Luís, pai de D. Carlos e avô de D. Luís, monarca de Portugal, para além de terem continuado a matriz educacional fernandina, introduziram na família real o gosto e o contacto com a realidade marítima. A condição de filho secundogénito, levou a que o então infante D. Luís seguisse a carreira marinha na armada lusitana, o que lhe deu a oportunidade de visitar partes do império atlântico (SILVEIRA & FERNANDES, 2006, pp. 27-28). A morte do seu irmão e rei, D. Pedro V, empurrou-o para o trono, mas não o desligou dos meandros marítimos, nem foi um impeditivo para passar esse gosto para o seu filho mais velho que, de certa forma o ultrapassou (MARTINS, 1927, p. 351; BRAGANÇA, 1988, p. XVI).

Iniciou-se então uma mudança, sobretudo mental, para que o grande mar-oceano deixasse de ser tenebroso e passasse a ser luminoso.

3. A FAMÍLIA REAL E O MAR

No reinado de D. Luís o mar “banhou” definitivamente a família real e própria a corte que, a gosto ao a contragosto a acompanhava. A proximidade de Lisboa, o clima afável e a abertura de uma nova estrada, deu, a partir de 1867 o título de praia da corte à vila de Cascais, que o manteve durante o reinado seguinte. Se as camadas mais altas da sociedade, viam a praia essencialmente como um lugar de recuperação da saúde, foi durante o reinado do “Popular” que se introduziu o conceito de mar-lúdico. Para além de instituída uma época de veraneio, foi praticado pela primeira vez um jogo de polo aquático e organizaram-se competições de remo e de vela. Nesta última modalidade, destacou-se D. Carlos, que participou pela primeira vez numa regata com a embarcação «Nautillus» que lhe tinha sido oferecida pelo pai (CÂMARA, 2020, pp. 1-4).

Sabemos que desde muito cedo o príncipe real D. Carlos manifestou uma grande curiosidade científica¹ devidamente apoiada por uma sólida preparação intelectual. No fundo nada que destoasse na família real, dando continuidade a uma preparação e a um gosto científico já manifestado nos reis D. Pedro V e D. Luís (ORTIGÃO & GIRARD, 1908, p. 61; RAMOS, 2006, pp. 38-41).

Se D. Luís ligou o mar às atividades lúdicas, D. Carlos uniu o mar à ciência. Uma das personalidades que mais o influenciou neste campo foi o príncipe Alberto do Mónaco, especialmente aquando das suas explorações ao largo costa portuguesa em 1894. Entre 1896 e 1907, foram realizadas as célebres campanhas oceanográficas, numa área geográfica balizada a Norte pelo arquipélago das Berlengas e a Sul pelo Algarve, passando por Cascais, Lisboa, Sesimbra e Setúbal, com os objetivos de obter dados sobre a batimetria e de conhecer a fauna litoral e abissal. Para isso, foi adquirindo iates cada vez maiores e mais bem apetrechados com a particularidade de todos se designarem de «Amélia». O «Amélia I» serviu na campanha de 1896; o «Amélia II» foi utilizado nos trabalhos que decorreram entre 1897 e 98; as campanhas de 1899 a 1901 foram feitas pelo «Amélia III» e por fim no

¹ Para além de ter doado espécies capturadas ao Aquário Vasco da Gama e a museus da história natural nacionais e estrangeiros, foi também um apaixonado por ictiologia e por ornitologia, tendo publicado dois volumes sobre as aves de Portugal.

«Amélia IV» foram realizadas as pesquisas de 1902 a 1907 (Jardim *et al.*, 2014, pp. 895-898; ORTIGÃO & GIRARD, 1908, pp. 69-72).

Todo este trabalho foi alvo de reconhecimento nacional e internacional, tanto através da participação em exposições na Escola Politécnica de Lisboa (1897), no Aquário Vasco da Gama (1898), no Palácio de Cristal (1902), na Exposição Oceanográfica Internacional que decorreu na Sociedade de Geografia de Lisboa ou na Exposição Internacional de Milão (1906), como na admissão como sócio honorário na *Zoological Society of London* (1903)

A VIAGEM PELO MEDITERRÂNEO

Mantendo a tradição familiar do *Grand Tour*, também o príncipe real D. Luís Filipe o realizou, em 1903, acompanhado pela sua mãe, a rainha D. Amélia, pelo irmão, o infante D. Manuel e restante comitiva. Seguindo a bordo do iate “Amélia” sob o comando de António Jervis de Atouguia Ferreira Pinto Basto, a viagem prologou-se de 26 de fevereiro e 11 de maio, amarrando em diversos portos mediterrânicos e presenciando realidades diversas (BASTO, 1879-1946, s/p).

Tabela 1 – Súmula dos principais acontecimentos.

Fevereiro					
Dia	Local	Acontecimento	Família	Diplomacia	Cultura
27	Espanha	Encontro com a condessa de Paris e a princesa Luísa	X		
Março					
Dia	Local	Acontecimento	Família	Diplomacia	Cultura
2 a 9	Argélia	Visita a monumentos e convívio com o coronel Ben Daoud.			X
11 a 14	Tunísia	Encontro com o bey e visita a escavações arqueológicas.		X	X
15 a 17	Malta	Convívio com os duques de Connaught.		X	
20 a 31	Egipto	Comemoração do aniversário do príncipe Luís Filipe; visita às pirâmides e encontro com o kedhiva.		X	X
Abril					
Dia	Local	Acontecimento	Família	Diplomacia	Cultura
1 a 11	Egipto	Visita a vários monumentos e travessia do Canal do Suez.			X
15 a 28	Itália	Encontro com os príncipes alemães, o rei Eduardo VII e os duques d’Aosta; visita a Pompeia.	X	X	X
30	Mónaco	Encontro com os príncipes do Mónaco e visita ao novo auário.		X	X

e na *Société Zoologique de France* (1905) (Jardim *et al.*, 2014, p. 904; ORTIGÃO & GIRARD, 1908, pp. 72-74).

Se no caso de D. Carlos, não existiu como em Veneza, o anual casamento simbólico entre o mar e o doge, atirando este último uma aliança de ouro para as profundezas em sinal de compromisso², não existem, contudo, dúvidas da sua importância tanto para a oceanografia como na influência que exerceu no seu filho primogénito, o príncipe real D. Luís Filipe.

Se, no início, a viagem foi pensada e preparada apenas para D. Amélia, de modo a propiciar-lhe uma fuga do quotidiano pejado de intrigas palacianas e parlamentares, procurando restabelecer a “(...) saúde um bocadinho abalada (...)” (OCIDENTE, n.º 870, 1903, p. 41), rapidamente foi alterada, passando a incluir outros passageiros (RIBEIRO, 2013, p. 105). Haveria por acaso melhor companhia que os amigos e principalmente os filhos? Para além disso, para o príncipe real, que tinha 15 anos (celebraria o aniversário

² Este episódio foi registado com toda a mestria de Canaletto no quadro «O Molo no Dia da Ascensão» em 1730.

no Egito) era a altura ideal para “ganhar mundo”, ver e ser visto (RIBEIRO, 2013, p. 5)!

Para além dos príncipes, que ficaram radiantes com a notícia, a rainha decidiu convidar o seu perceptor, Franz Kerausch, os condes de Figueiró (António de Vasconcelos e Sousa e Josefa de Sandoval e Pacheco, ou Pepita, como era carinhosamente chamada na intimidade), o visconde de Asseca (António Maria Correia de Sá e Benevides Velasco da Câmara), o médico da real câmara, António de Lencastre, o capelão, Pe. João Fiadeiro, e o pintor Casanova (OCCIDENTE, 1903, p. 41; RIBEIRO, 2013, p. 105).

Finalizados todos preparativos, reuniram-se a 26 de fevereiro no porto de Lisboa alguns dignatários da corte e ministros para apresentarem os cumprimentos de estilo e saudar os viajantes. Içada a âncora por volta das 2:25h da tarde, o iate “Amélia” sulcou as águas do Tejo acompanhado por vários navios: o “Lisbonense” e o “Vitória” seguiam cheios de curiosos, que saudavam os reais viajantes; o “Josephine” transportava algumas famílias importantes como os Strauss e os Pinto Basto; e no “Utile” seguia a imprensa. Para além destes, nos navios de guerra, que se encontravam estacionados na capital, “(...) toda a marinhagem subiu às vergas dando intrépidos *hurrahs*;” (OCCIDENTE, 1903, p. 50). Depois de uma tão visível e ruidosa manifestação de júbilo, rumaram em direção a Sul, dobrando o cabo de São Vicente às 10:25h da noite (BASTO, 1879-1946, s/p; OCCIDENTE, 1903, p. 50; RIBEIRO, 2013, p. 106).

Dirigindo-se para Este, aportaram em Cádiz no dia 27. À chegada, a real comitiva foi recebida pelas autoridades da cidade e os príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel encontram-se com a avó, a condessa de Paris, e a tia, a princesa Luísa, seguindo as duas a bordo do iate durante os próximos dias. Tal como em Lisboa, também aqui, a sua partida foi afetuosa e marcada, uma vez que foram entusiasticamente saudados por 500 estudantes da Universidade valenciana, que acompanharam durante algum tempo o iate (BASTO, 1879-1946, s/p; OCCIDENTE, 1903, p. 50; ORLEÃES, 1903, Tlemcen, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 106).

Seguindo o seu périplo, no dia 28 ocorreu um pequeno atrito diplomático. Na chegada ao porto inglês de Gibraltar, a condessa de Paris e Pepita, como (boas) espanholas de nascimento recusam-se a colocar

um só pé no Rochedo, o que não foi impeditivo para que a restante comitiva tivesse ido a terra (ORLEÃES, 1903, Tlemcen, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 106)!

No dia 1 de março chegaram a Algeciras onde visitaram a cidade e se despediram dos familiares anteriormente embarcados, encaminhando-se o iate para o Norte de África, mais concretamente para a Argélia, onde percorreram várias cidades e tiveram o primeiro encontro com o exótico, visão tão cara aos viajantes do *Grand Tour* (BASTO, 1879-1946, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 106).

No dia 2, entraram no porto de Oran, tendo sido cumprimentados pelas autoridades. Nos dias seguintes percorreram várias cidades próximas, numa descoberta patrimonial e antropológica: em Tlemcen visitaram o Marabout (túmulo) de Sidi Jacoub, o minarete de Agadir e as ruínas da mesquita de Mansourah, registando através da fotografia os seus habitantes, as modestas habitações e os trajés. Ainda em Oran, foram convidados no dia 6 para um almoço (couscous com borrego assado inteiro) na casa do coronel da armada francesa, Ben Daoud. O café foi acompanhado por música e danças árabes (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Tlemcen, s/p; CORPECHOT, 1915, p. 165; RIBEIRO, 2013, pp. 106-107).

Entre os dias 8 e 9 encontravam-se em Argel. Para além dos rotineiros passeios pedestres, efetuaram visitas a monumentos, a uma escola de bordados e a uma fábrica de tapetes. Em ambas a rainha adquiriu peças (BASTO, 1879-1946, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 108).

Ainda no Norte africano, aportaram na Tunísia entre 10 e 14 de março. Em Túnis repartiram os dois dias seguintes entre meandros políticos/diplomáticos. São cumprimentados pelo filho do bey (governador local) e mais tarde é o próprio príncipe D. Luís Filipe que se dirigiu ao palácio real para apresentar os cumprimentos ao governante, enquanto a rainha D. Amélia se encontrou com a esposa deste (BASTO, 1879-1946, s/p). Em Cartago, visitaram a catedral e o túmulo de São Luís dos Franceses e, acompanhados pelo missionário e arqueólogo Alfredo Delattre, visitaram o museu e as escavações arqueológicas (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Cartago, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 108).

Deixando temporariamente o continente africano para trás, dirigiram-se para a estratégica ilha de Malta, onde chegaram no dia 15. Aqui encontraram

estacionada a esquadra inglesa, encontrando-se nela os duques de Connaught, que haviam chegado de uma visita às possessões britânicas nas Índias. Seguindo a nova política externa portuguesa, este encontro informal é aproveitado para se fortalecerem as relações pessoais, mas sobretudo institucionais entre os dois reinos, que tão profundamente tinham sido abaladas na sequência do *Ultimatum*. Durante os dias seguintes foram diversas as visitas que as duas famílias reais fizeram confraternizando através de um produto afamadamente britânico que os portugueses haviam introduzido na ilha por D. Catarina de Bragança: o chá (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Malta, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 108).

Quer pela duração da estadia (22 dias), quer pelo interesse que a antiga civilização egípcia sempre exerceu sobre os seus conquistadores e viajantes, quer ainda pela quantidade e qualidade dos locais visitados, a permanência no país dos faraós foi sem dúvida o apogeu deste *Grand Tour*. No dia 17, “(...) quando nasceu a Lua começa[ram] a desamarar o navio.” (BASTO, 1879-1946, s/p), para tomar a direção de Alexandria, onde chegariam três dias mais tarde e

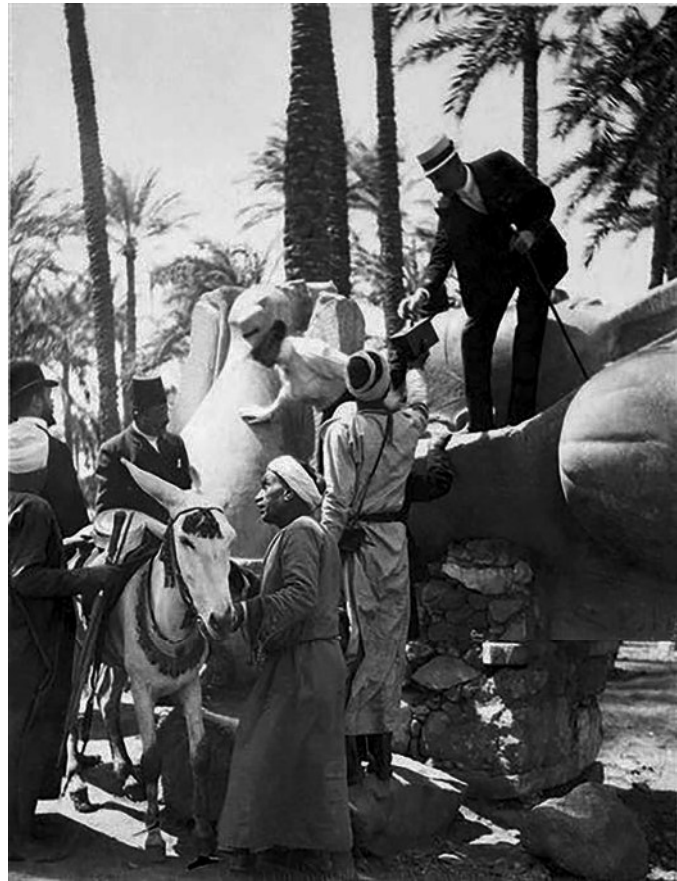


Figura 1 – Excursão ao colosso de Ramsés II. Foto da autoria de D. Luís Filipe (ORLEÃES, 1903, s/p).

onde, a 21 de março, D. Luís Filipe comemoraria o seu 16º aniversário, recebendo os cumprimentos dos cônsules de Itália, França e ainda do comandante do navio inglês “Pandora”. Os próximos dias, já no Cairo, seriam dedicados na sua maior parte à componente cultural, já que passaram revista aos principais monumentos. Iniciaram-se aquelas pela visita às catacumbas de Kom el Shoqafa. Nos dias seguintes, realizaram excursões às Pirâmides de Gizé – aproveitando os príncipes para as subirem – e a Saqqara; posaram em cima do colosso de Ramsés II (figura 1) e deliciam-se nas mastodônticas ruínas do complexo funerário de Ramesseum em Luxor, no templo de Karnak, e no Vale dos Reis, admirando o parcialmente submerso tempo de Filae.

Mas nem só de antiguidades se fez o percurso: foram recebidos pelo Khediva Abbas II (figura 2) que lhes colocou o seu iate à disposição, visitaram o museu de Gizé, o bazar onde fizeram compras, e navegaram nessa maravilha da engenharia moderna, o canal do Suez. Findada esta aventura egípcia, no dia 11 de abril seguiram de Port Said para Itália (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Cairo, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 109-112; LEME *et al.*, 2016, p. 118).

Na chegada a Palermo, no dia 15, foram recebidos com salvas pela armada italiana que se encontrava no porto, subindo a bordo o cônsul português em Roma, Mathias de Carvalho e Vasconcellos. Aproveitaram o resto do dia para verem o Palácio Real e a Capela



Figura 2 – O Khediva Abbas II com os príncipes (ORLEÃES, 1903, s/p).

Palatina e à noite, foram ao teatro “(...) onde a rainha teve uma grande ovação.” (BASTO, 1879-1946, s/p). No dia seguinte, aproveitando a estadia na Sicília, dirigiram-se a Monreale, registando a catedral e o claustro em fotografias (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Monreale, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 112).

No dia 17, largaram rumo a Nápoles onde chegaram a 18, mas não sem sobressaltos. Devido à agitação marítima “Partiu-se muita coisa [e até] o sr. Infante partiu a cabeça.” (BASTO, 1879-1946, s/p). Os dias subsequentes foram passados nas proximidades da cidade do Vesúvio (Capri, Pompeia, Caserta e Posilipo), percorrendo museus, monumentos e as obrigatórias ruínas pompeianas. É também uma ocasião para encontros e convívios reais, já que aí aportou o navio “Saphire”, que trazia a bordo os príncipes alemães Guilherme e Eitel, e a esquadra inglesa que transportava o rei Eduardo VII, que ali havia chegado,

vindo de Portugal, em visita oficial. Durante todo este tempo, em grupo, fizeram visitas, organizaram passeios e almoçaram nas diferentes embarcações, ficando os momentos registados em muitas fotografias (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Capri, Pompeia, s/p; RIBEIRO, 2013, pp. 111-114; LEME *et al.*, 2016, p. 122).

Viajando para Norte, o iate “Amélia”, chegou a Livorno no dia 26. Aí, D. Amélia reencontrou os duques de d’Aosta, Emanuel Felisberto e a sua irmã Helena que não via há mais de 6 anos (BASTO, 1879-1946, s/p; ORLEÃES, 1903, Livorno, s/p; CORPECHOT, 1915, p. 166; RIBEIRO, 2013, p.114). Aqui, tal como os seus tio Pedro e avô Luís, haviam presenciado *in loco* meio século antes, o expoente evolutivo dos transportes, o comboio, também agora os príncipes viam *in situ*, os grandes estaleiros navais italianos, os estaleiros Orlando (BASTO, 1879-1946, s/p).

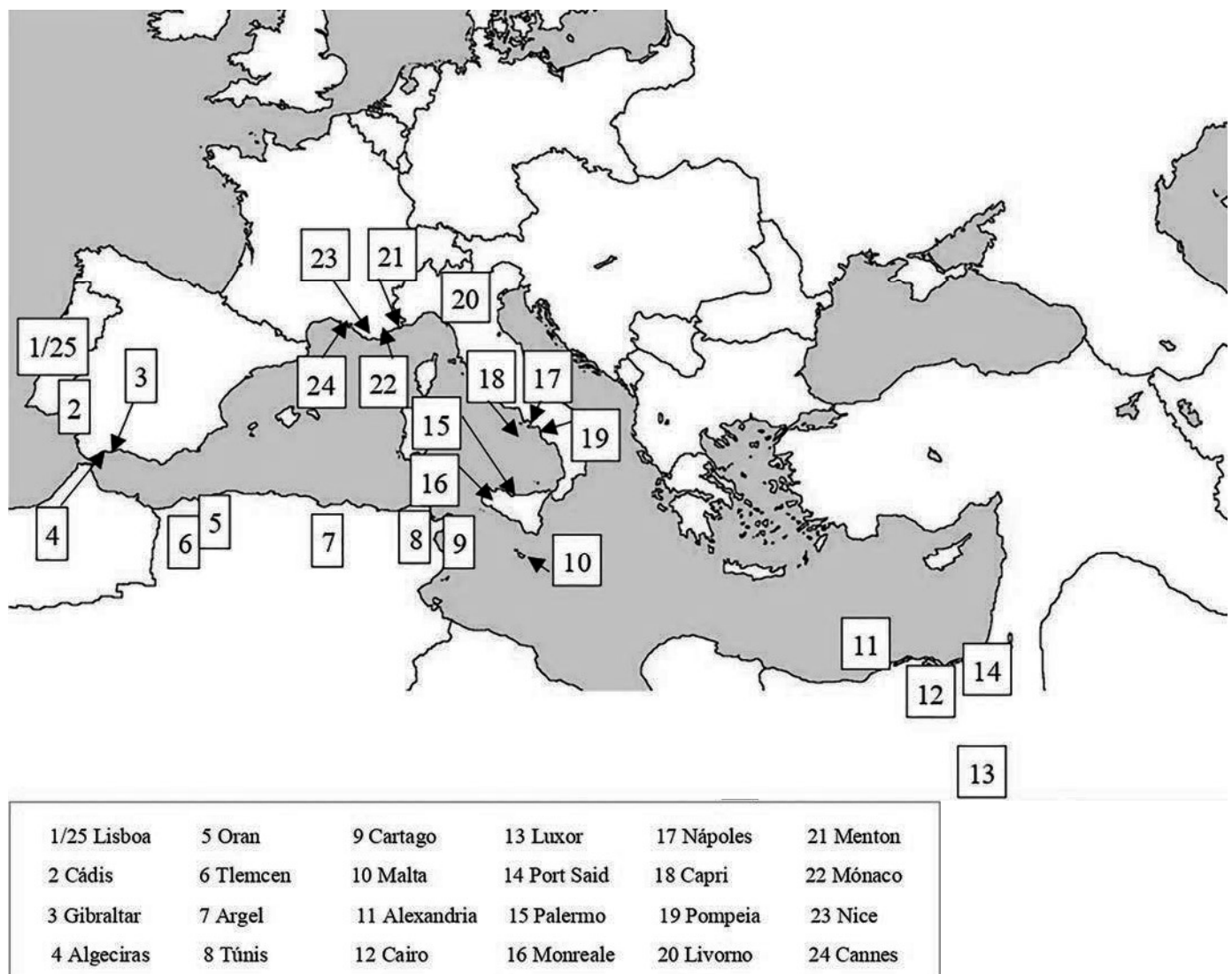


Figura 3 – Mapa do itinerário percorrido.

Deixando a península itálica para trás, tomaram a direção de Oeste entrando em águas gaulesas, atracando na estância balnear de Menton, onde a rainha D. Amélia se encontraria com a sua tia, a princesa Clementina. No dia 30, aportaram em terras monegascas, recebendo a bordo os príncipes do Mónaco e da Bulgária. No principado visitaram o ainda provisório aquário, patrocinado pelo pioneiro da oceanografia, o príncipe Alberto (BASTO, 1879-1946, s/p; RIBEIRO, 2013, p. 115).

Já na Côte d’Azur, visitaram Nice no dia 1 de maio e Cannes no dia seguinte. A 4 de maio, a rainha despediu-se da comitiva e toma o comboio com destino a Paris, seguindo os restantes tripulantes para Portugal (BASTO, 1879-1946, s/p; CORPECHOT, 1915, p. 166; RIBEIRO, 2013, p. 115).

No dia 11, “(...) às 11 em ponto amar[aram] (...)” em Lisboa. Recebidos com salvas, foram cumprimentos pelo rei e ministros que subiram a bordo. Após navegarem durante 74 dias e visitarem 24 locais, às 11:45, desembarcaram na capital do império, os príncipes portugueses findando deste modo o seu *Grand Tour* (BASTO, 1879-1946, s/p; BREYNER, 2005, p. 154).

Esta não foi, contudo, a derradeira viagem do herdeiro real, D. Luís Filipe por mar. Se na primeira viagem, deambulou pelas costas mediterrânicas, contactando com civilizações antigas e personalidades presentes, mais tarde, será também o mar que o levará a conhecer outras latitudes e outros povos, desempenhando funções menos lúdicas e mais institucionais.

CONCLUSÃO

Ao longo do tempo e, com maior ênfase a partir do século XVIII, o mar foi ganhando um novo papel na sociedade europeia, passando de um espaço de pesca, de pirataria e de naufrágios tenebrosos, para um local onde as elites se banhavam, dedicando-se languidamente ao ócio e aos prazeres da vilegiatura.

Se o intuito inicial da viagem foi o de proporcionar algum tempo de lazer à rainha D. Amélia num registo mais intimista e familiar, rapidamente este propósito foi alterado, alargando-se no espaço, no tempo e na companhia. Afinal de contas, o príncipe real e herdeiro presuntivo do trono de Portugal contava 15 anos, estando mais do que preparado para absorver o itinerário em todas as suas amplitudes:

familiar, cultural e diplomático. Concomitantemente, cumpria um ritual que de forma genérica era apágnio de toda a realeza europeia e, mantinha viva a memória dos seus, realizando o *Grand Tour* como o seu tio-avô, o rei D. Pedro, o seu avô paterno, o rei D. Luís e o seu pai, o rei D. Carlos. No entanto, algo se distinguia das anteriores: o meio e a modalidade de transporte utilizado. No lugar do comboio e do solo, figurou o navio e o mar!

No campo das relações familiares evidenciam-se as visitas a Cádiz – mãe e irmã de D. Amélia –, a Livorno – cunhado e irmã de D. Amélia – e a Menton – tia de D. Amélia –, que reforçavam a correspondência trocada e as visitas a Portugal.

Se Portugal se encontrava afastado dos principais centros de decisão na Europa, sendo o seu sistema político e papel colonial olhado de soslaio por algumas potências do velho continente, já a família real portuguesa estava perfeitamente inserida e em sintonia com algumas das mais importantes casas monárquicas europeias, não sendo raro em alguns casos, uma tênue distinção entre relações diplomáticas e familiares.

Assim, são diversos os momentos diplomáticos registados: os encontros com o bey de Túnis, o khediva do Egipto Abbas II, ou com os duques de Connaught, eles próprios de regresso de uma viagem marítima à Índia. Em fotos que registaram os encontros com os príncipes alemães e o rei Eduardo VII, foi visível não apenas o à-vontade entre todos como até ficou evidente uma cumplicidade e afeição, em especial com o monarca britânico. Para além de denotar um ambiente familiar (na realidade eram parentes) as fotos do álbum fotográfico da viagem tornaram-se elucidativas da política diplomática de reaproximação à Inglaterra preconizada pela dupla rei D. Carlos/marquês de Soveral.

Reforçando a abrangente educação escolar do príncipe, a viagem não poderia descurar a vertente cultural e intelectual. Se, em todo o percurso existe sempre algo a reter, como em Espanha, nos territórios norte-africanos ou na península itálica, o Egipto era o ponto alto de qualquer *Grand Tour*. Aí, vislumbraram algumas das mais famosas relíquias arqueológicas, como as pirâmides de degraus em Saqqara ou as mais icónicas no planalto de Gizé; os templos de Ramesseum, de Karnak ou de Filae. No regresso não deixaram de navegar por essa dádiva que permitiu a existência da civilização egípcia: o Nilo.

Para o príncipe Luís Filipe, a viagem teve com certeza um grande impacto, contribuindo para a sua formação pessoal, mas também política, aproveitando ao mesmo tempo para reforçar os laços familiares. Os díspares palcos de convívios, os temas das conversas, ou as diferentes situações a que foi sujeito, foram contributos valiosos para o projeto de vida pessoal e institucional que lhe estava reservado.

Podemos afirmar, que quando o iate “Amélia” atracou no porto de Lisboa, no dia 11 de maio de 1903, a viagem que havia levado o príncipe real D. Luís Filipe pelo Mediterrâneo foi um êxito e cumpriu os objetivos culturais, familiares e diplomáticos que lhe estavam adstritos aquando do seu início. Cumpriu-se assim o propósito da viagem do herdeiro da coroa. O reinado? Esse jamais se veio a cumprir!

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto estratégico MARE Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (UIDB/MAR/04292/2020), do projeto Estratégico do CITCEM Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, unidade de I&D da Universidade do Porto (UIDB/04059/2020) e no âmbito do projeto LA/P/0069/2020 concedido ao Laboratório Associado ARNET.

REFERÊNCIAS

- BASTO, A. A. J. A. F. P. 1879-1946. *Diário das viagens do Comandante António Jervis de Atouguia Ferreira Pinto Basto*. vol. 4, 206 p., Portugal. https://purl.pt/28033/4/cod-13494/cod-13494_item4/index.html
- BRAGANÇA, D. C. 1988. *Diário Náutico do Yacht ‘Amélia’*. Campanha oceanográfica realizada em 1897. Fac-símile, 3ª ed.. XXVII [26] p., Instituto Hidrográfico, Lisboa, Portugal.
- BREYNER, T. M. 2005. *Diário de um Monárquico: 1902-1904*. 327p., Fundação Eng. António de Almeida, Porto, Portugal.
- CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS. 2020. *D. Carlos em Cascais: Cenas do quotidiano da família real portuguesa*. 9p., Cascais Cultura, Cascais, Portugal. https://cultura.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/new/fc_d_carlos_em_cascais.pdf
- CANHOTA, T.; PEREIRA, O. N. A. & BASTOS, M. R. 2021. “O socorro aos desgraçados”: medidas de mitigação e de auxílio aos naufragos ao largo da costa portuguesa no século XIX. In PAULA, D. P. de; OLIVEIRA, E. C. de; DIAS, J. A.; FONSECA, L. C. da; RODRIGUES, M. A. C.; ALBUQUERQUE, M. da G.; PALMA, M. & PEREIRA, S. D. (Eds.). *Sociedade, Ambiente e Tecnologia: Mar afora, costa adentro – X Tomo da Rede BRASPOR*, pp. 247 – 266, UERJ, Rio de Janeiro, Brasil. (disponível em <https://www.redebraspor.org/livros/2021/Braspor%202021%20Artigo%2016.pdf>)
- CORBIN, A. 1989. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. 385p., Companhia das Letras, São Paulo, Brasil.
- CORPECHOT, L. 1915. *Memories of Queen Amélie of Portugal*. 286p., Eveleigh Nash, London, England.
- CUMMING, R. 2007. *Comentar os grandes artistas*. 112p., Editora Civilização, Porto, Portugal.
- JARDIM, M.E.; Peres, I.M. & RÉ, P.B. 2014. A prática oceanográfica e a coleção iconográfica do rei dom Carlos I. *História, Ciências e Saúde*, 21 (jul.-set.): 883-909, Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil. (disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GcJx6DR5VyT-ZkSFQdtzZMGN/?format=pdf&lang=pt>)
- LEME, P.; MONGE, M. J.; PAVÃO, L. & RIBEIRO, J. A. 2016. *Tirée par...: A Rainha D. Amélia e a fotografia*. 1ª ed.. 179 p., Fundação Casa de Bragança, Vila Viçosa, Portugal. (ISBN 978-972-9195-43-3).
- LOPES, M. A. 2017. A educação dos príncipes nas últimas três gerações da família real portuguesa. In: Felismino, D. (coord.). *A educação dos príncipes, nas coleções do Museu – Biblioteca da Casa de Bragança*, pp. 11-21, Fundação da Casa de Bragança Museu-Biblioteca, Vila Viçosa, Portugal.
- MARTINS, I. O. 1987. *William Morgan Kinsey: uma ilustração de Portugal*. 148 p., Edições 70, Lisboa, Portugal.
- MARTINS, R. 1926. *D. Carlos: história do seu reinado*. 603 p., Oficina do ABC, Estoril, Portugal.
- OCCIDENTE: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. 1903. *Chronica occidntal*, 26º ano, XXVI vol., 870: 41, Lisboa, Portugal. In: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1903/N870/N870_master/N870.pdf (acesso: janeiro 2022)
- OCCIDENTE: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. 1903. Viagem de S.M. a rainha, 26º ano, XXVI vol., 471: 50-51, Lisboa, Portugal. In: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1903/N871/N871_master/N871.pdf (acesso: janeiro 2022)

- ORLEÃES, D. A. 1903. Viagem de sua majestade a Rainha D. Amélia ao Egipto, em 1903: [álbum fotográfico]. 78p., Portugal. <https://purl.pt/28017>
- ORTIGÃO, R. 2013. As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante. Ed. fac-simile comemorativa dos 500 anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra. 144, [16]p., Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- ORTIGÃO, R. & GIRARD, A. 1908. *S. M. El-Rei D. Carlos I e a Sua Obra Artística e Científica*. 94p., Editor – Antonio Palhares, Lisboa, Portugal.
- RAMOS, R. 2006. *D. Carlos: 1863-1908*. 1ª ed.. vol. XXXIII, 392p., Círculo de Leitores, Rio de Mouro, Portugal. (ISBN: 9724235874).
- RAMOS, R. (Coord.) 2009. *História de Portugal*. vol. 6, 96 p., Esfera dos Livros, Lisboa, Portugal.
- RIBEIRO, J.A. 2013. *Rainha D. Amélia: uma biografia*. 2ª ed.. 357p., A Esfera dos Livros, Lisboa, Portugal. (ISBN 978-989-626-472-7).
- SALGUEIRO, V. 2002. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*. **22**:289-310.
- SARDICA, J. M. 2012. O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da monarquia constitucional. *Análise Social*. **203**:345-368. (ISSN ONLINE: 2182-2999).
- SILVEIRA, L.N.E da & FERNANDES, P.J.F. 2006. *D. Luís*. 1ª ed.. vol. XXXII, 320p., Círculo de Leitores, Rio de Mouro, Portugal. (ISBN: 9789724238470).



Capítulo XIV

**DINÂMICA MORFOSEDIMENTAR INFLUENCIADA
PELO PORTO MODERNO DE ILHÉUS-BA**

Vitor Marvulle de Almeida
Emiliano Castro de Oliveira

